Do acesso à permanência
Desafios da Educação de Jovens e Adultos

Acesso, Rádio Universitária e TV UFG

No Brasil, pouco mais da metade dos jovens concluem o Ensino Médio até os 19 anos. Uma opção para essa parcela da população é a Educação para Jovens e Adultos (EJA), modalidade da educação básica destinada aos jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos nos ensinos fundamental e médio.

Para discutir a EJA no Brasil e como ela está inserida nos planos nacional, estadual e municipal de Educação, a mesa-redonda desta edição convidou a gerente da Educação de Jovens e Adultos do Município de Goiânia, Márcia Melo, a professora da Faculdade de Educação da UFG, Maria Emília de Castro Rodrigues e a professora da EJA no município de Goiânia, Esmeraldina Santos.

Você pode participar das próximas mesas-redondas enviando sugestões de temas e convidados pelo telefone (62) 1111 ou pmelo@acesso.ufg.br

Qual a importância da Educação de Jovens e Adultos? Qualquer pessoa pode se inscrever?

Márcia Melo – A EJA tem um significado extremamente importante para a sociedade, especialmente para aquelas pessoas que não tiveram acesso à escola ou pararam de estudar num certo momento da infância ou da adolescência. Pelos dados que temos hoje, na educação básica, ensino fundamental e médio, temos números extremamente altos dessa população que não terminou, no caso da nossa município, o ensino fundamental. Em Goiânia, não temos uma população em torno de 250 mil pessoas que não finalizaram o ensino básico e um aparato ainda pequeno para atender a toda essa população. Então, além da Secretaria de Educação investir nessa política, temos que fazer com que a população entenda que esse é um direito que ela tem, porque a educação não é um direito só da criança, é um direito constitucional de toda pessoa. Precisamos fazer com que a população entenda isso e volte para os bancos escolares, porque a escola está lá pronta não só a questão profissional, mas também, as necessidades básicas, como ler sem banca, pegar uma conta, ler e contar. O que a Secretaria faz, hoje, é viabilizar esse atendimento com 74 escolas abertas à EJA e entendemos que ainda é pouco e a população precisa voltar para esse espaço escolar que são públicas. Quero aproveitar esse espaço para chamar a população para voltar a estudar.

Maria Emília Rodrigues – Esta modalidade está direcionada para jovens, adultos e idosos, a partir dos 15 anos de idade e que não concluíram ou não tiveram acesso à escola. São pessoas que têm esse direito e muitas vezes acham que já passou o tempo de ela. Esse é um dos nossos grandes desafios, que o direito de acesso à educação seja garantido independente da idade, e a que temos percebido é que ainda há muitos jovens e adultos fora da escola, algumas vezes por desconhecimento de escolas que estão próximas e atendem a esta modalidade. Não é porque a EJA que é só noturna, tem algumas turmas que funcionam no diurno. É importante que as pessoas cheguem informadas. Outras pessoas que não têm a documentação para chegar à escola. Hoje a lei de Diretrizes e Bases da Educação garante que essas pessoas possam fazer um exame de classificação e serem matriculadas na escola, dando continuidade aos seus estudos. Isso é um elemento muito importante.

Esmeraldina Santos – Esse aspecto do direito precisa ser garantido. Não temos diversas turmas e disponibilidade de espaços para atender a EJA. O nosso desafio é facilitar esse público. Temos alunos de 15 anos e alunos de 70 anos, por exemplo. A EJA é para qualquer aluno a partir dos 15 anos que queira voltar a estudar. Não temos diversos horários de atendimento para a educação de jovens e adultos na rede.

De que forma a EJA está inserida nos planos nacional, estadual e municipal de Educação?

Maria Emília Rodrigues – O plano municipal, estadual e federal de educação abordam as metas de ofertas de atendimento da EJA, tratando da educação básica, da alfabetização, do ensino médio e da educação profissional. São metas que contemplam estratégias direcionadas para a EJA e que tentam garantir esse direito com financiamento, formação de professores e chamadas públicas. O aluno da EJA é diferente da educação infantil em que as pessoas vão e buscam a escola, esse aluno tem que ser convencido do direito que ele tem, porque acha que já passou o tempo dele. Mas isso não é verdade, você pode voltar a estudar em qualquer época, independente da sua idade. Esse processo é importante, e os planos têm garantido isso tentando articular não só a entrada desse aluno no processo de educação, mas, também, garantir que a permanência. A nossa preocupação seja de qualidade, com formação continuada do profissionais que atuam nessa modalidade e material didático específico. Os professores precisam desenvolver um currículo adequado, porque, muitas vezes, o aluno pensando a escola, se a forma como o conhecimento está sendo trabalhado não lhe atinge, ele não permanece na escola. Então, a carência precisa garantir essa permanência e as secretarias precisam buscar esse educando. É importante que tentem se esse aluno e que haja um comprometimento do poder público na sua totalidade.

Maria Emília Rodrigues

Esmeraldina Santos

Os alunos que saem da EJA ressaltam a importância disso na vida deles, há uma mudança até na forma de lidar com as relações familiares ou de trabalho. Então, realmente, é uma mudança. Eu digo que é uma liberdade: nós nos libertamos por meio do conhecimento.

Esmeraldina Santos – Temos vagas. Talvez o que tenhamos de observar é se as vagas estão em lugares certos. Nas periferias, encontramos as escolas totais, por exemplo. Em determinadas regiões falta atendimento porque não há horarios adequados para atender o ensino estruturado. Nesses espaços, precisamos criar uma organização alternativa para atender as pessoas que demandam, onde não é possível criar turmas estruturadas.

Entre os principais desafios da educação de jovens e adultos não está só o acesso, mas, também, a permanência. Quais são as estratégias para manter esse aluno frequentando a escola?

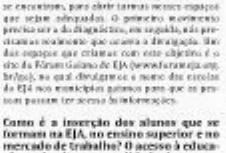
Márcia Melo – O grande desafio da educação de jovens e adultos é a permanência, porque estar na escola não é só o desejo de voltar a estudar, mas envolve uma série de questões que fazem com que ele saia da escola, entre elas, a questão da sobrevivência dele e da família porque, muitas vezes, ele entra na escola por causa do trabalho, mas tem que sair por causa desse trabalho que o prendeu para ficar mais tempo. Esse é um elemento que dificulta o tempo todo na escola. A outra questão são os trabalhos temporários, como a Festa da Divina Pai Eterno e a Peregrina, que fazem os alunos saírem da escola e irem trabalhar, voltando um mês depois. Então, não depende só do querer dele, mas de uma série de fatores que dificultam a permanência desse aluno. O grande desafio do poder público é saber construir para que o retorno do aluno que foi à vida toda escolar, consiga convencê-lo a permanecer de fato. E um desafio saber que estratégia poderemos criar dentro dos nossos redes para que esse aluno seja atendido até a permanência.

Há programas que oferecem a modalidade à distância? Os cursos à distância conseguem oferecer a mesma qualidade das presenciais?

Maria Emília Rodrigues – Há poucas ofertas. Menos quando existia a modalidade de telecursos, ainda antes, antes as classes presenciais. Há pouco, esse aluno é um aluno que já apresentou certa dificuldade no processo de aprendizagem e, ao frequentar noturno, ele encontra muito mais dificuldade. Mas não temos oferta de educação à distância para formação de professores de educação de jovens e adultos. Outro elemento que é importante que aqueles que estão em lugares mais remotos que ele não tenha acesso à área escolar próxima. Há formas de atendimento diferenciadas da EJA. No caso da rede municipal de Goiânia, por exemplo, para fazer esse atendimento ele não tem esperado que o aluno procure a escola, mas tem ido até o aluno. Por exemplo, as estruturas, que são turmas que funcionam vinculadas a uma escola em espaços não escolares como, por exemplo, na Hospital das Clínicas da UFG, na Companhia de Urbanização de Goiânia (Comurg), em horários alternativos em atendimentos de idosos. São espaços em que as pessoas não retornam para a escola, mas ali se tornam e constituem uma turma com esse atendimento. Há várias formas de organização alternativa para o atendimento. Outro elemento importante é que nesse processo, a chamada deste sujeito compete ao poder público e precisa ser de diversas formas. Nosso município em que a universidade acompanha esse processo de parceria, por exemplo, em uma articulação para identificar onde estão esses jovens e adultos. Não temos mais de 33 mil analfabetos em Goiânia, mas onde eles estão? Precisamos identificar qual é a região onde eles se encontram, para abrir turmas nesses espaços que sejam adequados. O primeiro movimento preciso ser o do diagnóstico, em seguida, não precisamos necessariamente que ocorra a divulgação. Nos dias atuais que criamos com esse objetivo, é o site do Fórum Goiânia de EJA (www.forumeja.org.br/go), no qual divulgamos a nome das escolas da EJA nos municípios goianos para que as pessoas possam ter acesso às informações.

Como a inserção dos alunos que se formam na EJA, no ensino superior e no mercado de trabalho? O acesso à educação pode alterar a realidade desses sujeitos?

Esmeraldina Santos – Não só a entrada no ensino superior, mas a próprio cuidado da educação básica é extremamente importante para eles. Quando você conversa com alguns desses alunos sobre qual a significada do conhecimento escolar na vida deles, percebe a sua importância. Ela, por exemplo, trabalha na Comurg e tenho três alunos que fazem o ensino superior e saíram das salas de aula da Comurg. Então, pois se a satisfação e o conhecimento escolar é importante. Sabemos que ela, por si só, não garante a inserção do trabalho, mas também sabemos que com ela é muito difícil. Os alunos que saem da EJA reconhecem a importância disso na vida deles, há uma mudança até na forma de lidar com as relações familiares ou de trabalho. Então, realmente, é uma mudança. Eu digo que é uma liberdade: nós nos libertamos por meio do conhecimento. Veja depoimentos nesse sentido, mesmo daqueles alunos que complicam só a questão fundamental, em relação ao que aquilo significou para suas vidas. Entendo que a conhecimento escolar é muito importante, assim como a formação superior. Esse conhecimento pode não garantir, mas abre caminhos para que esses possam melhorar a vida e as perspectivas de trabalho.


Márcia Melo

...temos que fazer com que a população entenda que esse é um direito que ele tem, porque a educação não é um direito só da criança, é um direito constitucional de todo pessoa.

Márcia Melo – Gostaria de aproveitar para ressaltar que as nossas escolas estão abertas, que as pessoas não precisam esperar o início do ano letivo, que as matrículas podem ser feitas a qualquer momento do ano e que há vagas. Além disso, a frequência na EJA é flexível. Se o aluno é quando quiserem, por exemplo, pode continuar trabalhando e ir à escola nos dias em que não trabalha. Não precisamos a escola loja, também, para atender as necessidades do aluno trabalhador. Por isso convidamos toda a população, os filhos, os netos, os sobrinhos, a chamarem os seus pais, avós, tios para voltarem a estudar e ter a possibilidade de concluírem o ensino médio e ensino fundamental.

Nós temos mais de 33 mil analfabetos em Goiânia, mas onde eles estão? Precisamos identificar qual é a região onde eles se encontram, para abrir turmas nesses espaços que sejam adequados. O primeiro movimento preciso ser o do diagnóstico.

Maria Emília de Castro

Confira o vídeo completo da Mesa-redonda Conexões no QR Codeas Gelo